

## O COMPONENTE CULTURAL NAS AVALIAÇÕES DE LÍNGUA INGLESA DO ENEM: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Elaine Risques Faria

Academia da Força Aérea

Sandra Regina Buttros Gattolin de Paula

Universidade Federal de São Carlos

**Resumo:** O presente artigo aborda questões culturais presentes no vestibular do ENEM nos anos de 2010, 2011 e 2012, na área Linguagens, códigos e suas tecnologias, mais especificamente na disciplina de língua inglesa, buscando focalizar a concepção de cultura apresentada em cada questão e as implicações para o processo de ensino e aprendizagem desta língua. Buscamos examinar os conceitos de cultura e interculturalidade relacionados às práticas pedagógicas na área de ensino e aprendizagem de língua inglesa, assim como a Matriz de Referência do ENEM. A análise revelou que temos praticamente uma questão com componente cultural por vestibular, sendo geralmente apresentadas por meio de canções ou poemas. Há também, algumas questões que, apesar de terem como texto base, questões culturais, suas perguntas referem-se a outra habilidade da Matriz, não podendo dessa forma, serem classificadas como questões culturais. Acreditamos que O ENEM, por ser considerado um exame de alta relevância, ao apresentar na disciplina de língua inglesa, questões culturais, poderá causar um efeito retroativo positivo, levando para as salas de aula um ensino pautado em uma educação intercultural, baseado no respeito pelos indivíduos e nos direitos de igualdade.

**Palavras-chave:** língua inglesa; ENEM; cultura; ensino.

### Introdução

A abordagem de aspectos culturais tem sido uma preocupação constante no ensino de língua estrangeira<sup>1</sup>, principalmente hoje em dia, devido à globalização e às novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs), pois estes fatores, além de promoverem a difusão de diversas culturas, também favorecem o encontro entre elas.

Para que esses encontros não se transformem em choques culturais, para que as comunicações, sejam elas orais ou escritas, sejam bem sucedidas, faz-se necessário que as pessoas saibam lidar com as diferenças entre os povos, a fim de promover uma comunicação

<sup>1</sup> Neste artigo, não faremos distinção entre língua estrangeira e segunda língua.

harmônica, sem conflitos, sem ruídos na compreensão, sem riscos de mal entendidos ou situações embaraçosas, enfim, sem a ocorrência de situações que comprometam a eficiência da comunicação.

Considerando-se o ensino de língua estrangeira, mais especificamente no nosso caso, de língua inglesa, é preciso ter em mente que a abordagem de aspectos culturais, embora deva estar presente nas salas de aula, apresenta, segundo Viana (2003), “propósitos, justificativas e graus de preocupação e explicitação variados, definidos por diferentes concepções de ensino e também de cultura”.

Embora, atualmente, não poderíamos entender língua e cultura como dois assuntos separados, dado que a língua é apenas um meio para apresentar a cultura, ainda temos hoje, segundo Kramsch (2009), professores que “ensinam a cultura e a língua ou a cultura na língua, mas não a língua *enquanto cultura*.”

Kramsch (op. cit) acrescenta que “a prática e a reflexão teóricas são ainda as presas de uma visão dicotômica de um mundo dividido entre nós e eles, nós e os outros, os do exterior versus os do interior, os nativos versus os não-nativos, os eruditos versus os populares”.

É sabido por todos que em várias situações o ensino de cultura se resume a falar sobre a cultura do outro, o seu modo de viver, seus costumes, roupas e comida, por exemplo. Entendemos que há a necessidade de desenvolver uma prática pedagógica intercultural, na qual os aprendentes vejam o outro como um indivíduo que pertence a um grupo social, que o respeite e seja crítico em relação a essa realidade, transformando sua própria realidade e que não apenas aceite o outro e seja tolerante em relação a sua diversidade.

Ao discutirmos sobre o processo de ensino e aprendizagem, sobre as perspectivas culturais que devem estar inseridas neste contexto, não podemos deixar de considerar a avaliação como parte deste processo, pois pensar em avaliação é pensar no ensino como um todo, desde seu planejamento. Segundo Scaramucci (1993), ao citar Almeida Filho (1990),

a abordagem, vista como um conjunto aparentemente harmônico de pressupostos teóricos, princípios e até crenças sobre o que seja linguagem e ensinar/aprender línguas, exerce influência sobre toda a operação de ensino de línguas. Ela define o planejamento do curso, a produção de materiais, os procedimentos metodológicos ou método e, sem dúvida alguma, também a avaliação.

A avaliação exerce uma forte influência no ensino ao promover o efeito retroativo ou *washback*, principalmente quando se trata de um exame de alta relevância como o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), o qual promove o crescimento de escolas preparatórias para vestibulares, além das escolas de ensino médio, públicas e privadas, que dedicam, principalmente, o terceiro ano do curso, a preparar os alunos para os exames de entrada nas universidades brasileiras, especialmente para o ENEM, uma vez que é a única porta de entrada para várias universidades.

Diante das questões apontadas acima, sobre a necessidade de uma educação intercultural no processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa, bem como do efeito que esse ensino deverá provocar nas avaliações, buscamos examinar neste artigo o conceito de cultura e interculturalidade e, também, fazer uma análise da Matriz de Referência do Enem, a fim de entender as habilidades propostas sobre cultura, para então, em seguida analisarmos algumas questões do ENEM.

## **Objetivo**

O objetivo deste artigo é verificar se as questões culturais estão presentes nas provas de língua inglesa do ENEM nos anos de 2010, 2011 e 2012, seguindo sua Matriz de Referência e, caso estejam, analisar qual visão de cultura elas apresentam.

## **Algumas considerações sobre o conceito “cultura”**

Viana (2003) em sua tese de doutorado sobre sotaque cultural faz uma análise dos conceitos de cultura e aponta para a necessidade de delimitações sobre o termo cultura segundo os objetivos das pesquisas, uma vez que o conceito é muito amplo. O autor relata que “em um trabalho de revisão crítica de conceitos e definições de cultura, Kluckhohn e Kroeber (1952), conforme apontam Solianik (1991), Abbud (1995) e outros, reuniram mais de trezentas definições”.

Segundo Kramsch (2009), “qualquer pesquisa teórica sobre o componente cultural da pedagogia do ensino de línguas implica necessariamente várias outras disciplinas que não

pertencem obrigatoriamente à linguística aplicada”. Podemos citar, entre elas, a semiótica, a sociolinguística, a etnografia e a antropologia.

Considerando o sentido antropológico, Chauí (1997, apud Viana, 2003) afirma que “não falamos em cultura, no singular, mas em culturas, no plural, por exemplo, cultura de elite e cultura popular, cultura erudita e cultura de massa”.

Segundo Moran (2001 apud SALOMÃO, 2010), temos cultura como civilização, como comunicação, como um conceito geral, como comunicação intercultural, como interação entre grupos e comunidades, como construção dinâmica entre pessoas e como psicologia evolucionária.

O conceito de cultura pode ser relacionado à Cultura com C maiúsculo, que se refere aos grandes feitos de um povo, sua literatura, suas obras de arte e literatura, e também à cultura com c minúsculo, que tem a ver com o dia-a-dia das pessoas, as práticas cotidianas. Fica claro perceber, que em sala de aula, a Cultura com C maiúsculo é a mais difundida, por ser, provavelmente a mais fácil de ser apresentada aos alunos, uma vez que a cultura com c minúsculo é um conceito, extremamente elástico e não estático; é algo em constante evolução que se constrói por meio das relações interpessoais.

Marconi (1996, apud Viana, 2003) afirma que

A cultura [...] pode ser analisada, ao mesmo tempo, sob vários enfoques: ideias (conhecimento e filosofia); crenças (religião e superstição); valores (ideologia e moral); normas (costumes e leis); atitudes (preconceito e respeito ao próximo); padrões de conduta (monogamia, tabu); abstração do comportamento (símbolos e compromissos); instituições (família e sistemas econômicos); técnicas (artes e habilidades) e artefatos (machado de pedra, telefone).

É importante reafirmar, no entanto, que embora ausente na definição acima, o conceito de cultura é algo dinâmico, em constante movimento.

Ao considerarmos a língua como prática social e produto sócio-histórico, Galisson (1991, apud BIZARRO e BRAGA, 2011), afirma que a língua é o melhor meio de acesso à cultura, já que é, simultaneamente, “veículo, produto e produtor de todas as culturas”.

**Língua e cultura no ensino de língua inglesa: desenvolvendo a interculturalidade**

Segundo Kramsch (2009), “a língua e o seu ensino são mediadores de cultura”. No entanto, como foi discutido no tópico acima, cultura é um conceito muito complexo, que pode visto sob diferentes perspectivas. Para nossas discussões, vamos considerar o conceito de cultura com c minúsculo, um conceito dinâmico que evolui com o tempo e com as relações interpessoais. Uma cultura que permite não somente reconhecer a diversidade entre os povos, mas que permite aceitar suas diferenças.

Considerando-se uma perspectiva de linguagem como prática social, KRAMSCH(1993, apud SARMENTO, 2004) destaca o ensino da cultura como diferença, ou seja, pautado em fatores como idade, gênero, origem regional, background étnico e classe social.

De acordo com os princípios da abordagem comunicativa, os aprendizes precisam saber muito mais que regras gramaticais e conhecimento de vocabulário. É imprescindível que eles saibam utilizar a língua adequadamente em contextos sociais e culturais. Daí, a importância da dimensão intercultural.

Segundo Byram (2002), “a comunicação intercultural é a comunicação na base de respeito pelos indivíduos e na igualdade de direitos humanos como a base democrática para a interação social”.<sup>2</sup> O autor aponta como componentes para o desenvolvimento da interculturalidade, conhecimento, habilidades e atitudes complementados pelos valores que o indivíduo possui ao pertencer a um grupo social, ou melhor, grupos sociais no plural.

Segundo o autor, o falante intercultural é consciente de que há outras identidades escondidas nas pessoas com que interagimos, mesmo que não saibamos quais são. Assim, desenvolver a dimensão intercultural no ensino de línguas envolve fornecer aos alunos competência intercultural e não somente linguística; prepará-los para a interação com outras culturas e para compreender as pessoas e aceitá-las como indivíduos com perspectivas, valores e comportamentos distintos. (BYRAM, 2002)

Segundo Barbosa (2013), “o que caracteriza o intercultural é a sua imbricação com os problemas sociais”.<sup>3</sup>

Hilsdorf (2010) citando Canclini (2007) afirma que,

---

<sup>2</sup> Tradução para: *Intercultural communication is communication on the basis of respect for individuals and equality of human rights as the democratic basis for social interaction.*

<sup>3</sup>Essa compreensão de Barbosa (2013) nos foi apresentada em aula do curso “Dimensões culturais no ensino-aprendizagem de línguas”, no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos.

o mais importante é a problematização da diversidade, um processo vivenciado em meio a encontros e desencontros. Isto porque o crescimento, como indivíduo, como cidadão, é processual e não pontual. Desse modo, mais do que apontar como as coisas são, como é o estrangeiro, o que ele faz ou deixa de fazer, é preciso levar o aluno a perceber por que as coisas são do modo que são. (p.103)

Nesse mesmo sentido, Candau (2011) diz que “a dimensão cultural é imprescindível para potencializar processos de aprendizagem mais significativos e produtivos para todos os alunos e alunas”.

Como já foi dito, as culturas estão sempre em constante mudança, uma vez que nossas identidades e valores se desenvolvem e adquirimos novas identidades ao longo da vida à medida que nos tornamos membros de novos grupos sociais. Isso implica na incompletude da aquisição da competência intercultural - não é possível que o professor ensine ou que o aluno adquira todo o conhecimento necessário para interagir com diferentes culturas. Cabe ao professor, portanto, desenvolver habilidades, atitudes e consciência dos valores de uma determinada cultura. É necessário que o aluno intercultural desenvolva uma consciência crítica dele próprio e dos seus valores, bem como das outras pessoas também.

Uma maneira de ajudar a promover a interculturalidade é o uso de materiais autênticos, de materiais de origens e perspectivas diferentes. Porém, é necessário assegurar que os alunos entendam seu contexto e intenção e, sejam capazes de comparar e analisar esses materiais criticamente.

A superação de preconceitos e estereótipos é fundamental para que a educação intercultural ocorra. Estereótipos envolvem rótulos ou categorias das pessoas geralmente de uma forma negativa, e de acordo com ideias preconcebidas quando assumimos que todos os membros daquele grupo pensarão ou se comportarão de maneira idêntica. Assim, os estereótipos são baseados em sentimentos e não razão, por isso cabe à escola mostrar que o importante é desafiar as ideias e não as pessoas que as expressam. (BYRAM, 2002)

Para Moita Lopes (2003; 2005; 2008 apud HILSDORF, 2010) o ensino de inglês deve preparar o aluno para ler o mundo criticamente em suas diferentes formas e linguagens.

Rojo (2009, apud Hilsdorf, 2010) aponta que,

Cabe à escola “potencializar o diálogo multicultural” entre culturas locais, valorizadas e escolares”. Sob esse enfoque, a educação de línguas deve trazer para o âmago da esfera escolar, o contato entre culturas valorizadas, canônicas e dominantes e culturas populares, desprestigiadas ou de massa, tomando-as todas como “objetos de estudo e de crítica.

A escola, por si só, já é um espaço marcado pela diversidade de pessoas que ali convivem. Nesse sentido, torna-se necessário levar em consideração as diferenças que ocorrerem no seu interior e a partir daí, refletir sobre as diversidades culturais que envolvem outros ambientes externamente ao meio escolar. “O intercultural mobiliza, sem esmagar, a cultura própria, no ensino-aprendizagem da língua diferente” (BIZARRO e BRAGA, 2011).

Ainda segundo as autoras,

A aula de língua estrangeira deve promover o ensino e a aprendizagem da(s) cultura(s) em termos especificamente reflexivos, num espaço aberto e democrático de debate, invocação e contraste das diferentes perspectivas presentes na comunidade multicultural que é a nossa. Só assim a escola promoverá o respeito pela diferença, na consciência de que não existem culturas inquestionáveis nem existe um destino universal que se imponha como modelo uniforme que deva ser imitado por todas as culturas. Pelo contrário: o desenvolvimento da sociedade necessita da pluralidade de culturas e do diálogo entre todas e a escola, nomeadamente nas aulas de LE, deve por em ação formas de ensino e de aprendizagem, bem como conteúdos que correspondam a esta necessidade.

No tópico seguinte, faremos uma discussão sobre a matriz de referência do ENEM, para em seguida, analisarmos algumas questões que apresentam componentes culturais e, que conseqüentemente, poderão influenciar o ensino de língua inglesa, favorecendo o desenvolvimento da interculturalidade.

### **O ENEM e sua Matriz de Referência**

O ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), maior vestibular do Brasil, é a principal porta de entrada para a maioria das universidades brasileiras. Segundo o site [www.infoenem.com.br](http://www.infoenem.com.br), o número de candidatos passou de 157.221 em 1998 para mais de seis milhões na edição de 2011.

Para a elaboração da prova do Enem é utilizada uma matriz de competências. Neste caso, segundo o site citado acima,

a palavra competência está ligada à capacidade do estudante de dominar a norma culta da Língua Portuguesa, compreender fenômenos naturais, enfrentar situações-problema, construir argumentações consistentes e elaborar propostas que atendem para as questões sociais. A cada competência corresponde um conjunto de “habilidades”, que seriam a demonstração prática dessas competências.

O exame é composto de quatro grandes áreas: linguagens e códigos; ciências humanas; ciências da natureza e matemática. Cada área é dividida em 30 habilidades.

A disciplina Língua Inglesa encontra-se na área *Linguagens, códigos e suas tecnologias*, e está inserida na competência de área 2, a qual possui as habilidades H5, H6, H7 e H8, como podemos ver no quadro abaixo retirado da Matriz de Referência do ENEM, produzida pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira):

**Competência de área 2 - Conhecer e usar língua(s) estrangeira(s) moderna(s) como instrumento de acesso a informações e a outras culturas e grupos sociais.**

|           |   |
|-----------|---|
| <b>H5</b> | Associar vocábulos e expressões de um texto em LEM ao seu tema.   |
| <b>H6</b> | Utilizar os conhecimentos da LEM e de seus mecanismos como meio de ampliar as possibilidades de acesso a informações, tecnologias e culturas. |
| <b>H7</b> | Relacionar um texto em LEM, as estruturas linguísticas, sua função e seu uso social.  |
| <b>H8</b> | Reconhecer a importância da produção cultural em LEM como representação da diversidade cultural e linguística.                                |

Quadro1: Matriz de referência do ENEM

Como podemos verificar, o componente cultural faz parte desta área de competência, principalmente na habilidade 8.

Ao analisarmos esta matriz de referência, mais especificamente, as habilidades (H5 a H8) da competência de área 2 (dois), podemos chegar às seguintes conclusões:

- H5: refere-se mais a questões lexicais, fazendo com que o candidato associe vocábulos e expressões apresentadas no texto ao tema proposto, geralmente o

significado de uma determinada palavra dentro do contexto apresentado por meio do texto base;

- H6: esta habilidade está relacionada à interpretação de texto. O candidato vai utilizar seu conhecimento de língua para interpretar o texto;
- H7: esta habilidade tem a ver com os diferentes gêneros textuais e com as intenções que o autor tem a partir deles; geralmente apresenta no enunciado expressões como: “o autor sugere que...”; “a partir do trecho X, podemos inferir que o autor...”, para citar alguns exemplos.
- H8: esta habilidade está diretamente ligada a questões culturais. A língua é apenas o meio para apresentar as questões culturais. O assunto proposto, ou seja, o texto base é sobre assuntos culturais e, as alternativas também contêm/apresentam a questão cultural. Nota-se que os textos classificados como H8 são, geralmente, apresentados por meio de músicas e poesias.

Assim, podemos dizer que a concepção de cultura proposta na matriz do ENEM prioriza o conhecimento da língua estrangeira moderna como instrumento ou meio de acesso a outras culturas, promovendo, dessa forma, o (re)conhecimento da produção cultural como representação da diversidade cultural, diferenças sociais e linguística entre os povos.

No tópico a seguir, analisaremos algumas questões do ENEM que apresentam aspectos culturais e que, portanto, foram classificadas como H8.

### **Análise de questões do ENEM 2010, 2011 e 2012**

Neste item analisaremos questões do ENEM 2010, 2011 e 2012, que podem ser consideradas como culturais, ou seja, que podem ser classificadas como fazendo parte da habilidade H8 da Matriz de Referência do ENEM discutida no item acima. Procuraremos mostrar qual a concepção de cultura presente nestas questões, levando em consideração a teoria apresentada na nossa fundamentação teórica.

É importante destacar que nosso objetivo não é discutir sobre a validade das questões, se os itens podem ser considerados defensáveis ou não defensáveis, e nem mesmo sobre a confiabilidade das questões.

A seguir, começaremos com uma questão da prova do ENEM 2010, cujo título é “O homem do tempo<sup>4</sup>”.

### THE WEATHER MAN

They say that the British love talking about the weather. For other nationalities this can be a banal and boring subject of conversation, something that people talk about when they have nothing else to say to each other. And yet the weather is a very important part of our lives. That at least is the opinion of Barry Gromett, press officer for The Met Office. This is located in Exeter, a pretty cathedral city in the southwest of England. Here employees – and computers – supply weather forecasts for much of the world.

Speak Up. Ano XXIII, nº 275.

Ao conversar sobre a previsão do tempo, o texto mostra

- A o aborrecimento do cidadão britânico ao falar sobre banalidades.
- B a falta de ter o que falar em situações de avaliação de línguas.
- C a importância de se entender sobre meteorologia para falar inglês.
- D as diferenças e as particularidades culturais no uso de uma língua.
- E o conflito entre diferentes ideias e opiniões ao se comunicar em inglês.

Figura 1: Questão da prova do ENEM 2010. (Resposta D)

Esta questão traz como texto base um componente cultural, que é o fato de os britânicos gostarem de falar sobre o tempo. Assim, poderia ser classificada como uma questão H8 em relação ao texto. No entanto, a questão proposta não traz o componente cultural, pois quer saber apenas o que o texto mostra, sendo classificada, dessa forma, como H7, que é quando a questão se refere à intenção do autor.

Porém, se levarmos em consideração apenas o texto, poderíamos dizer que este simplifica o ser humano a alguém que é visto como representativo daquele país (britânicos amam falar sobre o tempo), podendo levar ao risco de criarmos estereótipos.

Byram (2002) diz que estereótipos envolvem “rotular ou categorizar grupos de pessoas de acordo com ideias pré-concebidas ou generalizações”. É assumir, segundo o autor, “que todos os membros daquele grupo pensarão ou comportar-se-ão identicamente”.

<sup>4</sup> Tradução para: *The weather man*.

## ENEM 2011

### QUESTÃO 95

#### War

Until the philosophy which holds one race superior  
And another inferior  
Is finally and permanently discredited and abandoned,  
Everywhere is war — Me say war.

That until there is no longer  
First class and second class citizens of any nation,  
Until the color of a man's skin  
Is of no more significance than the color of his eyes —  
Me say war.  
[...]

And until the ignoble and unhappy regimes  
that hold our brothers in Angola, in Mozambique,  
South Africa, sub-human bondage have been toppled,  
Utterly destroyed —  
Well, everywhere is war — Me say war.

War in the east, war in the west,  
War up north, war down south —  
War — war — Rumors of war.  
And until that day, the African continent will not know peace.  
We, Africans, will fight — we find it necessary —  
And we know we shall win  
As we are confident in the victory.  
[...]

MARLEY, B. Disponível em: <http://www.sing365.com>. Acesso em: 30 jun. 2011 (fragmento).

Bob Marley foi um artista popular e atraiu muitos fãs com suas canções. Ciente de sua influência social, na música *War*, o cantor se utiliza de sua arte para alertar sobre

- A a inércia do continente africano diante das injustiças sociais.
- B a persistência da guerra enquanto houver diferenças raciais e sociais.
- C as acentuadas diferenças culturais entre os países africanos.
- D as discrepâncias sociais entre moçambicanos e angolanos como causa de conflitos.
- E a fragilidade das diferenças raciais e sociais como justificativas para o início de uma guerra.

Figura 2: Questão da prova do ENEM 2011. (Resposta B)

Esta questão da prova do ENEM de 2011 traz como texto base uma canção, e, portanto, já poderia ser classificada como uma questão cultural de habilidade H8. Porém neste caso, a questão proposta, juntamente com as alternativas, também traz o componente cultural, não deixando dúvidas sobre ser classificada como H8.

Temos, no texto base, uma música de Bob Marley, um cantor jamaicano, famoso por popularizar o gênero reggae. A maior parte do seu trabalho lidava com os problemas dos pobres e oprimidos. Embora tenha falecido em 1981, é muito conhecido pelos jovens ainda hoje em dia.

Podemos notar neste item da prova que a língua é apenas o meio para apresentar a questão cultural, que trata de diferenças raciais e sociais.

A canção fala sobre a existência de guerras enquanto houver diferenças raciais e sociais e que os Africanos lutarão porque estão confiantes na vitória.

Mostrar e trabalhar as diferenças sociais faz parte de uma educação intercultural que, segundo Byram, deve ser baseada no “respeito pelos indivíduos e na igualdade dos direitos humanos como base democrática para a interação social”.

## ENEM 2012

**I, too**

I, too, sing America.  
I am the darker brother.  
They send me to eat in the kitchen  
When company comes,  
But I laugh,  
And eat well,  
And grow strong.

Tomorrow,  
*I'll be at the table*  
When company comes.  
Nobody'll dare  
Say to me,  
"Eat in the kitchen,"  
Then.

Besides,  
They'll see how beautiful I am  
And be ashamed

I, too, am America.

HUGHES, L. In: RAMPERSAD, A.; ROESSEL, D. (Ed.) *The collected poems of Langston Hughes*. New York: Knopf, 1994.

Langston Hughes foi um poeta negro americano que viveu no século XX e escreveu *I, too* em 1932. No poema, a personagem descreve uma prática racista que provoca nela um sentimento de

- A coragem, pela superação.
- B vergonha, pelo retraimento.
- C compreensão, pela aceitação.
- D superioridade, pela arrogância.
- E resignação, pela submissão.

Figura 3: Questão da prova do ENEM 2012. (Resposta A)

Nesta questão temos um poema de Langston Hughes que fala sobre uma prática racista, sendo, portanto, classificada como habilidade H8.

O poema todo trata da questão racial, dizendo que ele é o irmão mais escuro e que eles o mandam comer na cozinha, porém amanhã ele estará à mesa. As pessoas verão quão bonito ele é e ficarão envergonhados, pois ele também é América. Trata-se, portanto, de superação.

Assim, como na análise da questão sobre a música de Bob Marley, temos aqui a língua apenas como meio para apresentar a questão cultural, que neste caso é a preconceito racial.

Na educação intercultural devemos trabalhar as diferenças para que sejam reconhecidas e a partir daí, podermos conseguir igualdade, pois se pensarmos apenas em diversidade cultural, ela (a diversidade) será superficial, ou seja, ela existe, está lá, pressupõe respeito e tolerância, porém não pressupõe luta por direitos iguais.

Segundo Candau (2011):

*As diferenças são então concebidas como realidades sociohistóricas, em processo contínuo de construção-desconstrução-construção, dinâmicas, que se configuram nas relações sociais e estão atravessadas por questões de poder. São constitutivas dos indivíduos e dos grupos sociais. Devem ser reconhecidas e valorizadas positivamente no que têm de marcas sempre dinâmicas de identidade, ao mesmo tempo em que combatidas as tendências a transformá-las em desigualdades, assim como a tornar os sujeitos a elas referidos objeto de preconceito e discriminação.*



DONAR. Disponível em: <http://politicalgraffiti.wordpress.com>. Acesso em: 17 ago. 2011.

Cartuns são produzidos com o intuito de satirizar comportamentos humanos e assim oportunizam a reflexão sobre nossos próprios comportamentos e atitudes. Nesse cartum, a linguagem utilizada pelos personagens em uma conversa em inglês evidencia a

- A predominância do uso da linguagem informal sobre a língua padrão.
- B dificuldade de reconhecer a existência de diferentes usos da linguagem.
- C aceitação dos regionalismos utilizados por pessoas de diferentes lugares.
- D necessidade de estudo da língua inglesa por parte dos personagens.
- E facilidade de compreensão entre falantes com sotaques distintos.

Figura 4: Questãoda prova do ENEM 2012. (resposta B)

Esta questão traz um texto base que poderia ser tratado como uma questão cultural. No entanto, a pergunta referente a este texto demonstra conhecimentos da habilidade H7 –

apresentação de gêneros textuais, neste caso, o cartum e a sua função social. Todavia, para fins de análise do componente cultural vamos, aqui, apenas analisar o texto base, não levando em consideração a classificação da questão.

A cultura, neste caso, pode ser analisada a partir dos personagens e suas falas. Encontramos dois tipos de falas: a norma padrão e a coloquial e, pode-se notar que a norma padrão, também considerada, por algumas pessoas, como norma culta (preferimos não usar este termo, pois se falarmos em norma culta, devemos dizer que existe a inculta?) é enunciada pelo personagem que está vestido de maneira mais elegante. E o outro personagem, um senhor usando boné, e camiseta gasta pelo tempo, com estilo mais “bonachão”, utiliza-se da norma coloquial para se expressar. Quando este personagem fala que para estarem lá, as pessoas deveriam falar bem o inglês, o personagem mais elegante, sugere que ele evite negativas duplas e que não se esqueça de usar um advérbio. Para este personagem (o elegante), o inglês bom deveria ser a norma culta, ou seja, ele não aceita a outra modalidade como sendo correta.

Ainda podemos acrescentar outra questão cultural, a de que as pessoas mais elegantes, provavelmente pertencentes a uma classe social mais alta, são consideradas capazes de falar uma língua melhor, ou mais corretamente, que os considerados de uma classe social mais baixa.

Esta questão mostra, portanto, a desigualdade social por meio da linguagem utilizada e por meio das pessoas que utilizam essa linguagem. Porque não poderia ser o contrário: o elegante utilizando a linguagem coloquial e vice-versa?

### **Considerações Finais**

Neste artigo, discutimos sobre o conceito de cultura e suas implicações para o processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa, contribuindo para o desenvolvimento da interculturalidade. Relacionamos esse contexto à avaliação, pois esta também faz parte do processo e quando mudanças ocorrem na avaliação, são necessárias transformações no processo todo, como podemos observar na operação global de ensino proposta por Almeida Filho.

Tomamos como exemplo de avaliação o ENEM, por ser um exame de alta relevância e por esse motivo, provavelmente promover efeito retroativo nas salas de aula de todo Brasil, pois como dissemos anteriormente, é a porta de entrada para várias universidades brasileiras. Neste ano de 2013, foram mais de 7 (sete) milhões de inscrições. Analisamos as habilidades propostas na Matriz de Referências do Enem em relação à disciplina de língua inglesa.

O nosso intuito foi o de analisar as questões culturais apresentadas nas questões das provas de língua inglesa dos anos de 2010 a 2012. Pudemos constatar que há questões culturais, principalmente envolvendo diferenças sociais e raciais. Porém, em alguns casos, o texto base apresenta o componente cultural, mas não os itens do teste, não podendo dessa forma, serem classificadas como culturais, segundo à Matriz de Referência.

Concluindo, é possível dizer que pelo fato de as provas do ENEM apresentarem componentes culturais, elas poderão trazer um grande benefício à educação escolar e à sociedade de um modo geral, pois é muito provável que os professores e as escolas, principalmente as particulares, interessadas na aprovação dos seus alunos, levarão para a sala de aula de língua inglesa, textos que abordam assuntos sobre as questões culturais, entre elas as diferenças sociais e raciais, promovendo, assim, a interculturalidade.

### **Referências bibliográficas**

Bizarro, R.; BRAGA, F. Da(s) cultura(s) de ensino ao ensino da(s) cultura(s) na aula de Língua Estrangeira. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4609.pdf>. Acessado em julho de 2011.

BYRAM, M.; GRIBKOVA, B; STARKEY, H. **Developing the intercultural dimension in language teaching: a practical introduction for teachers**, 2002.

CANDAUI, V. M. F. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem Fronteiras**, v.11, n.2, pp. 240-255, Jul/Dez 2011.

KRAMSCH, C. O componente cultural na Linguística Aplicada. Trad. Lucia Maria de Assunção Barbosa. **Contexturas, ensino de língua inglesa**, 15, 2009 p. 115-134

Matriz de referência do ENEM, INEP. Disponível em [www.infoenem.com.br](http://www.infoenem.com.br). Acessada em maio/2013.

ROCHA, C. H. Propostas para ingles no ensino fundamental I publico : plurilinguismo, transculturalidade e multiletramentos. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 2010

SALOMÃO, A.C.B. A revelação língua-cultura e suas implicações para o ensino e aprendizagem de LE. **Contexturas**: ensino crítico de língua inglesa, São José do Rio Preto, v. 17, p. 9-26, 2010.

SARMENTO, Simone. Ensino de cultura na aula de língua estrangeira. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – **ReVEL**. V. 2, n. 2, 2004.

SCARAMUCCI, M.V. R. Dúvidas e questionamentos sobre a avaliação em um contexto de ensino de línguas. In: **Anais Outras Palavras**. V Semana de Letras, Maringá, 1993.

Viana, N. Sotaque cultural: uma proposta para compreensão de traços culturais (re)velados na interação em língua estrangeira. Tese (Doutorado).Universidade Federal de Minas Gerais,2003.